

■ REPRESSÃO

Na luta contra a ditadura, Wellington Diniz assaltou, foi acusado de assassinatos, preso, torturado, exilado, foi segurança de Lamarca e Fidel e fez cinema com Rosselini. Calado desde a abertura política, ele agora conta a sua história, às vésperas de ser julgado em BH pela Comissão de Anistia do Ministério da Justiça

O guerrilheiro rompe o silêncio

DANIEL CAMARGOS

Quem observa o senhor franzino, de 66 anos, morador do Bairro Carmo, em Sete Lagoas, é incapaz de imaginar o peso da história que ele carrega. Wellington Moreira Diniz lutou contra a ditadura militar no Brasil, participou de ações armadas em bancos e quartéis para abastecer organizações como Colina, Var-Palmares e VPR com armas e dinheiro. Foi responsável pela segurança do ícone da resistência, o capitão Carlos Lamarca, e presenciou a jovem Dilma Rousseff, então com 21 anos, discutir asperamente com Lamarca. Fez ainda parte do grupo que roubou US\$ 2,598 milhões (R\$ 15 milhões atualmente) do cofre da amante do político Adhemar de Barros; foi preso e cruelmente torturado, depois libertado em troca do embaixador suíço que havia sido sequestrado por seus companheiros. Exilado no Chile, foi segurança do então presidente cubano, Fidel Castro, quando este visitou o país governado por Salvador Allende, em 1971. Trabalhou ainda como assistente em produções do diretor de cinema chi-

leno Miguel Littín e do italiano Roberto Rosselini e lutou pela independência de Angola, participando da tomada do aeroporto na capital. Até a quarta-feira da semana passada, Wellington nunca havia contado sua trajetória. Em um depoimento de quase três horas, ele revelou ao Estado de Minas detalhes da sua biografia. Acusado de 38 assaltos, entre bancos, quartéis e automóveis, e de ter matado 12 pessoas em ações de resistência à ditadura, ele será julgado na próxima sexta-feira pela Comissão de Anistia, do Ministério da Justiça. O deputado federal e ex-ministro dos Direitos Humanos Nilmarcio Miranda (PT-MG) será o relator do processo de Wellington e destaca: "A anistia não discrimina luta armada e luta pacífica. Em uma situação de ditadura é considerado lícito que os militantes peguem em armas". "Se eu era bravo? Bravo é boi. Eu seguia as necessidades do momento", entendeu Wellington. A ficha do Serviço Nacional de Informações (SNI) imputa 38 ações, mas

ele garante ter participado de 45. Sobre as 12 mortes de que é acusado, garante não ser realidade. "Sempre atirei para cima. Se alguém tumbrou na bala não é problema meu", ironiza. Um dos apelidos que recebia dos companheiros e também dos militares era 90. Uma alusão às duas pistolas .45 que sempre carregava na cintura durante as ações. Outro apelido — que ele não gosta, aliás — era "John Wayne da guerrilha". "Isso é folclore", rebate. Distante da época elétrica, quando vivia entre um aparelho e outro e chegou a assaltar três bancos no mesmo dia, sendo um no Rio de Janeiro e outros dois em São Paulo, Wellington recita sua vida como se estivesse contando para si próprio. Em quase três horas de depoimento, fumou 18 cigarros, bebeu mais de uma garrafa de café — sem açúcar — e fez longas pausas. "Existem as pessoas que passam pela história e as pessoas que fazem a história. Foi uma opção de vida fazer história", conclui, deixando o cigarro queimar até o filtro.



FOTOS: BETO NOVAES/EM/D.A PRESS



■ O INÍCIO

Wellington nasceu em Belo Horizonte, no Bairro Nova Suíça, filho de pai comerciante e mãe dona de casa. Começou a militância política na escola técnica industrial e logo depois integrou a Ação Popular (AP). Foi preso em 1968. "Foi um escândalo. Eu morava com meus pais e fui levado de cueca para o CPOR", lembra. Foi interrogado, mas como não entregava nada seguiu preso. "Nesse tempo a tortura não era institucionalizada. Era só pancadaria. Eles batiam muito com cacete de borracha", detalha. Recebia toda semana a visita dos pais e, para não assustá-los, dizia que estava bem e se sentia em uma colônia de férias. Certo dia, durante a visita, um coronel mandou que ele tirasse a camisa. Wellington resistiu, mas foi agarrado. "Meu pai viu como eu estava, porque o cacete de borracha deixa lanhas na pessoa", lembra. O coronel levou o pai dele para outra sala e teve uma conversa reservada. No dia seguinte, o pai de Wellington, Nereu Diniz, então com 46 anos, foi internado em um hospital e morreu de problemas cardíacos. "Meu pai não tinha nenhuma militância, não era ligado a nenhum partido político. Ele era só meu pai", indigna-se.

que era onde os militares depositavam o dinheiro, pois era vizinho da Escola Superior da Guerra. Wellington também assaltou o carro do general Syzno Sarmiento, então ministro da Guerra. "Eu mesmo peguei o carro dele. Um carro bom, porque tinha placa fria e uma pistola .45 no porta-luvas", lembra. O assalto ao quartel de Mangueiras, na Avenida Brasil, também marcou. "Framos cinco pessoas. O Darcy Rodrigues chegou para o sentinela e gritou: qual o f. que disparou a arma?", lembra Wellington. O guarda, assustado, não soube responder e atendeu a ordem de Darcy, que estava vestido como militar. Cerca de 40 militares foram reunidos em uma sala e colocados em posição de sentido. "Estava todo mundo com o fuzil na mão. O Darcy entrou e deu posição de sentido. Ai eu entrei. Com uma Thompson (metralhadora) na mão", recorda.

■ O GRANDE ASSALTO

A maior ação e mais notória foi o roubo do cofre da amante de Adhemar de Barros, no Bairro de Santa Tereza, no Rio de Janeiro. Adhemar morreu em março de 1969 e deixou grande parte do dinheiro com sua principal amante, Anna Gimel Benchemol Caprighone. No dia 18 de junho de 1969, 11 militantes da VAR-Palmares, Wellington entre os líderes, invadiram a mansão, renderam todos os funcionários e levaram o cofre, que em valores de hoje tinha o equivalente a R\$ 15 milhões. "Eu não podia trocar dinheiro. Nem eu e nem o pessoal mais militarizado. Isso ficava para os simpatizantes. A Dilma (a presidente Dilma Rousseff) estava começando e foi junto com a lara (lara Averbek, militante e namorada de Carlos Lamarca) trocar parte do dinheiro em uma casa da câmbio no Copacabana Palace", lembra. A maior parte, entretanto, foi levada para o embaixador da Argélia por Wellington. "Todo dinheiro era para a organização. Eu nunca coloquei a mão em um tostão de todas as operações que fiz. Eu inclusive apanhei porque não tinha uma nota de US\$ 1", sustenta Wellington. Os militantes decidiram que cada um dos participantes poderia ficar com uma nota de US\$ 1 como recordação do feito, mas Wellington recusou, o que fez ele apanhar ainda mais na prisão por não revelar onde estava a nota. A história do assalto é contada no livro *O cofre do dr. Rui* (Civilização Brasileira), escrito por Tom Cardoso.

■ AO ATAQUE

Três dias após deixar a prisão, em Belo Horizonte, foi decretado o Ato Institucional número 5 (AI-5). Porém, Wellington não esperou pelo endurecimento do regime militar e já estava vivendo clandestinamente no Rio de Janeiro. Ingressou no Comando de Libertação Nacional (Colina). O contato dele era o também belo-horizontino Juarez Guimarães de Brito. "Juarez é na minha vida de 66 anos a pessoa mais honesta, mais parceira, mais companheira e que me ensinou muito na vida", afirma Wellington. O Colina fundiu com a Vanguarda Popular Revolucionária (VPR), de Carlos Lamarca, e formou a Vanguarda Armada Revolucionária Palmares (VAR-Palmares). Entre as ações empreendidas na resistência à ditadura, Wellington destaca o assalto à agência do banco Andrade Arnaud, que ficava próximo ao Ministério da Guerra e à delegacia de repressão de assalto a bancos, na capital fluminense. "Isso deixou os militares furiosos", recorda. Outro estratégia ousada foi o assalto à agência Urca da antiga União dos Bancos Brasileiros,

“ Teve um embate e eu estava presente. A Dilma tinha a convicção dela, que era uma visão mais antimilitar. E nós tínhamos uma visão mais militar. A Dilma acusou o Lamarca de não ter sustentação teórica. Houve tensão, as discussões foram sérias, mas nunca chegou às vias de fato ”

■ LAMARCA

Após a fusão entre a Colina e a VPR que originou a VAR-Palmares, Wellington passou a comandar a terceira base operacional da organização. "O meu grupo propôs uma operação para matar o Lamarca (Carlos)", lembra. O motivo é que eles tinham visto uma notícia no jornal em que Lamarca, então capitão do Exército e um dos melhores atiradores do país, dava um curso de tiro para gerentes de banco reagirem aos assaltos. Wellington não sabia, entretanto, que no final de janeiro de 1969 Lamarca havia desertado e fugido do quartel de Quitauna, em São Paulo, com uma Kombi carregada de fuzis, metralhadoras e munição e entrado para a VPR. O plano não foi pra frente e meses depois Wellington foi deslocado para uma tarefa. Quando entra no aparelho se depara com Lamarca. "Ele morreu de rir. Disse que eu queria matá-lo, mas teria que cuidar dele", afirma. Wellington se recorda de quando passou a ser segurança do principal nome da guerrilha armada. "Fui com ele quando foi fazer uma cirurgia plástica. As enfermeiras pensaram que éramos um casal. Me gozaram muito no hospital. Mas elas não sabiam que debaixo do capote que vestia havia duas pistolas .45, uma metralhadora Thompson e algumas granadas", detalha.

■ DILMA

Após o assalto ao cofre da amante do governador Adhemar de Barros houve um encontro da VAR-Palmares em Teresopolis, na região serrana fluminense. Um grupo, liderado por Lamarca, priorizava as ações armadas e, outro, do qual Dilma fazia parte, tinha o discurso da conscientização da massa de trabalhadores. Eram os "foquistas", que desejavam implantar focos de guerrilha ante os "massistas". "Teve um embate e eu estava presente. A Dilma tinha a convicção dela, que era uma visão mais antimilitar. E nós tínhamos uma visão mais militar, que foi o grupo que formou a Vanguarda Popular Revolucionária. A Dilma acusou o Lamarca de não ter sustentação teórica. Houve tensão, as discussões foram sérias, mas nunca chegou às vias de fato", recorda Wellington.

■ A QUEDA

Wellington viveu um tempo como camponês na região serrana do Rio de Janeiro preparando aquele que seria o cativo — caso o plano fosse efetivado — do então ministro da Marinha, Augusto Rademaker, e do militar Gary Prado, que estava no Brasil e foi um dos responsáveis pela caçada que matou Ernesto Che Guevara. "Fui ao Rio porque ia ter um encontro para fechar essa questão. Como eu era o segurança do Lamarca, sempre ia na frente para averiguar. Na hora em que abriu a porta do apartamento tinha um fal (fuzil) na minha cara", lembra. Wellington diz que correu, mas se deparou com outros militares. Chegou a trocar tiros, mas foi atingido de raspão na cabeça e outro nas costas. Acabou preso. "Ai me meteram duas algemas. Um militar enfiou o fuzil na minha boca, quando eu estava caído. Foi levado para o DOI-Codi, na Barão de Mesquita. No elevador da Barão de Mesquita dei uma cabeçada no motorista do carro e ele esbarrou o carro na



ARQUIVO EM/D.A PRESS



REPRODUÇÃO DA INTERNET



REPRODUÇÃO YOUTUBE

mureta", destaca a própria valentia. Preso, Wellington afirma ter conseguido segurar 72 horas sem abrir a boca. Ele sabia muito. Sabia onde estava Lamarca e também o destino do dinheiro do cofre da amante do Adhemar de Barros e, por isso, foi torturado intensamente.

■ EXÍLIO E FIDEL

Com o sequestro do embaixador suíço Giovanni Enrico Bucher, comandado por Lamarca, Wellington entrou na lista dos 70 nomes que seriam trocados pelo diplomata. Foram para o Chile, que era governado por Salvador Allende. Chegando ao país andino, ele

trabalhou com o cineasta Miguel Littín, como assistente de câmera no filme *A terra prometida*. Porém, quando o general Augusto Pinochet tomou o poder, seu nome foi incluído na lista de procurados e teve que deixar o país. Antes, em 1971, quando o então presidente cubano Fidel Castro visitou o Chile, Wellington foi destacado pelo Movimento de Esquerda Revolucionária (MIR) para compor a equipe de segurança do líder cubano. "Precisavam de pessoa com certa experiência e desenvoltura para auxiliar nos trabalhos. Com gente disposta ao que desse e viesse. Fidel era um ídolo, assim como Che Guevara. E nos tratava de igual para igual, chamando-nos de companheiro e tomando um café igual nós estamos tomando aqui", relata.

■ CINEMA E REVOLUÇÃO

No Chile, além de trabalhar na produção de filmes, Wellington conheceu Renzo Rossellini, filho do cineasta italiano Roberto Rossellini. Quando teve que deixar o país após a tomada do poder por Pinochet, Wellington chegou à Itália, passando por México e Bélgica antes. Lá, conta que foi assistente de direção de Roberto Rossellini em filmes feitos para a tevê italiana RAI. No Brasil, quando retornou, foi assistente de direção de Helvício Rattton no filme *A dança dos bonecos* (1986). "Um cara extremamente corajoso. Não era de falar muito e nem de discutir, mas era um sujeito de muita ação", lembra Rattton. Porém, antes de retornar ao Brasil, Wellington também esteve em Angola e participou da luta pela libertação do país, que culminou na independência, em 1975. No país africano nasceu um de seus seis filhos. Após retornar ao Brasil, estudou medicina oriental e, por muitos anos, teve um clínica de acupuntura no Bairro Santa Efigênia, em Belo Horizonte, além de dar aulas e escrever livros sobre o assunto. Há três anos mora em Sete Lagoas. Mudou-se para a cidade para viver mais próximo de sua mãe, que morreu em março deste ano.

■ IDEOLOGIA

Wellington afirma que na primeira eleição de Luiz Inácio Lula da Silva (PT) antigos companheiros o sondaram sobre a oportunidade de trabalhar em Brasília. Porém, ele permaneceu radical. "Eu não tenho estômago ainda. Eu ainda não tenho essa capacidade de exercer minha serenidade frente a pessoas que torturaram ou que financiaram a tortura. Eu não tenho o que fazer lá", afirma. Wellington não se arrepende de nada do seu passado. "Tenho muito orgulho de ter feito parte de uma situação que pode resultar hoje na nossa possibilidade de falar", garante. O ex-combatente faz questão de deixar um recado para os jovens. "Acredito profundamente no ser humano e acredito nessa juventude que está vindo aí. Que pode trazer novos valores saindo desse colonialismo mental que existe até hoje. Não somos nós, os dinossauros da história, quem vai promover essas mudanças. Essas mudanças estão na mão dos jovens que não recebem pressão ideológica do jeito que recebíamos e que tem a liberdade de poder criar algo novo. Tenho um orgulho muito grande de ter participado na construção deste espaço. Quando vejo meus filhos com valores novos, com projetos novas, a vida está feliz e eu estou realizado".

Advertisement for Pontofrio electronics, featuring Samsung speakers, HP laptops, Electrolux refrigerators, and IPI washing machines, with promotional text like '50" Tela gigante: o primeiro endereço é o Pontofrio. O segundo, sua sala.' and 'viva a inovação'.

■ GLOSSÁRIO

- AI-5 – O Ato Institucional número cinco foi decretado pelo presidente Costa e Silva em 13 de dezembro de 1968. Fechou o Congresso e deu poderes absolutos para o regime ditatorial militar.
AP – A Ação Popular foi um movimento surgido da esquerda católica, em Belo Horizonte, que combateu o poder dos militares.
Adhemar de Barros – Político paulista, governou São Paulo, foi derrotado por Juscelino Kubitschek para a Presidência da República e cunhou a expressão "rouba, mas faz".
Augusto Pinochet – Governou o Chile entre 1973 e 1990, após tomar o poder com um golpe militar. Morreu em dezembro de 2006.
Carlos Lamarca – Capitão do Exército brasileiro, campeão de tiro, desertou e passou a lutar a ditadura de esquerda. Morreu no sertão do Bahia, após intensa perseguição, em 17 de setembro de 1971.
Colina – Sigla de Comando de Libertação Nacional, grupo de extrema-esquerda iniciado em Minas Gerais. Em 1969, se fundiu com a VPR e formou a VAR - Palmares.
Fidel Castro – Liderou a Revolução Cubana, em 1959, e presidiu Cuba até 2006, quando passou o poder para seu irmão, Raul Castro.
Miguel Littín – Um dos mais importantes cineastas chilenos. Diretor de obras como Ata geral do Chile (1986) e A terra prometida (1974).
Roberto Rossellini – Cineasta italiano, diretor de vários filmes célebres, como Roma, cidade aberta (1954). Morreu em 1977.
Salvador Allende – Primeiro presidente socialista eleito democraticamente. Governou o Chile entre 1970 e 1973, quando se matou, durante o golpe e bombardeio empreendido pelo sanguinário Augusto Pinochet.
VAR-Palmares – Sigla de Vanguarda Armada Revolucionária Palmares. Adotou a tática de guerrilha e surgiu do fusão do Colina e com a VPR.
VPR – Sigla de Vanguarda Popular Revolucionária (VPR). Foi a primeira organização de esquerda em que o capitão do Exército Carlos Lamarca ingressou.